

# O ACONTECIMENTO TRABALHO E SUA RESSONÂNCIA NA SOCIEDADE DE CONTROLE

José William Moreira Moreno Filho

Doutorando do Programa de Pós-graduação em Educação da UNESP  
Professor de Filosofia do IFCE  
[williammoreira@ifce.edu.br](mailto:williammoreira@ifce.edu.br)

## Resumo:

O presente artigo tem como objetivo diagnosticar, de forma não totalizadora, a relação entre as noções de vida e trabalho na sociedade contemporânea. Para isso, lançaremos mão de análises desenvolvidas por Deleuze, no que diz respeito a passagem da *sociedade disciplinar* para a *sociedade de controle*, e de Michel Hardt e Antonio Negri, no que tange aos estudos sobre o conceito de *trabalho imaterial*. Munido de tais análises, que perscrutam o advento da nova ordem econômica neoliberal, perceberemos diversas mutações específicas na vida e nas relações trabalhistas dos indivíduos, conduzindo-os para uma existência despotencializada e mortificante.

**Palavras-chave:** Sociedades de controle. Trabalho imaterial. Vida. Trabalho.

## Abstract:

This article aims to diagnose, not totalizing way, the relationship between the notions of life and work in contemporary society. For this, we use the analyzes developed by Deleuze, as regards the passage of the disciplinary society to the society of control, and Michel Hardt and Antonio Negri, with respect to studies on the concept of immaterial labor. Armed with such analyzes, peering the advent of the new neoliberal economic order, we will realize a number of specific mutations in the life and labor relations of individuals, leading them to a despotencializada and mortifying existence.

**Keywords:** Societies of control. Immaterial Labor. Life. Work.

Deleuze, em um texto clarividente intitulado *post-scriptum - sobre as sociedades de controle*, enuncia a transição paulatina de novas formas de dominação em nossa sociedade. Publicado em maio de 1990, o texto ressalta a substituição gradual de uma *sociedade disciplinar* para uma *sociedade de controle*. Foucault, segundo Deleuze, situou as *sociedades disciplinares* nos séculos XVIII, XIX e XX. Elas caracterizariam-se pelos grandes meios de confinamento. Instituições como a escola, a família, a fábrica, a caserna, o exército, a prisão, são modelos basilares destas sociedades. Em *vigiar e punir*, Foucault ressalta a prisão como o meio de confinamento por excelência. Nela estaria exposto de forma mais clara as relações de poder, de disciplinamento do corpo e da alma. Em poucas palavras, Deleuze resume o ideário do confinamento em: *concentrar, distribuir no espaço, ordenar no tempo, compor no espaço-tempo uma força produtiva cujo efeito deve ser superior à soma das forças elementares*, em suma, organizar a produção e gerir a vida (1992, p. 219). Mas, assim como as *sociedades de soberania*<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Foucault em alguns cursos que proferiu no College de France (*Em defesa da sociedade* e em *O nascimento da biopolítica*) e na obra *História da sexualidade – a vontade de saber*, discorre sobre as sociedades de soberania, as quais, tinham objetivos e funções completamente diferentes das sociedades disciplinares. Por exemplo, açambarcar, mais do que organizar a produção, decidir sobre a morte mais do que gerir a vida.

entraram em crise, as disciplinares não seriam diferente.

Desde meados do século passado até o presente momento encontramos-nos em uma crise generalizada de todos os meios de confinamento. Os supostos projetos de reformas destes seriam apenas para administrar seu fim até a implantação das novas forças de dominação. Para Deleuze são as *sociedades de controle* que estão substituindo as *sociedades disciplinares*. A principal mudança de uma sociedade para a outra são os meios de controle e dominação. Enquanto as *sociedades disciplinares* exigiam o confinamento para o controle e o disciplinamento, as *sociedades de controle* dispensam o confinamento para o controle e a dominação ao ar livre, controle contínuo e comunicação instantânea.

Alguns dos exemplos explicitados pelo filósofo francês, para esclarecer essa transição, centra-se na instituição escolar. Afirmar Deleuze, em uma entrevista concedida a Toni Negri:

Pode-se prever que a educação será cada vez menos um meio fechado, distinto do meio profissional - um outro meio fechado -, mas que os dois desaparecerão em favor de uma terrível formação permanente, de um controle contínuo se exercendo sobre o operário-aluno ou o executivo-universitário. Tentam nos fazer acreditar numa reforma da escola, quando se trata de uma liquidação. Num regime de controle nunca se termina nada (1992, p. 216).

Dessa transição de sociedade, evocada por Deleuze e Foucault, pode-se destacar algumas mutações pontuais das relações trabalhistas no sistema capitalístico. A precarização do trabalho na nova ordem econômica neoliberal, que vem se alastrando pelo Brasil desde a década de 90 do século passado, tem como escopo criar novas formas de circulação e distribuição da mercadoria. A chamada precarização do trabalho consiste na perda contínua de direitos sociais e trabalhistas, como a expansão do trabalho parcial, temporário, a terceirização, contratos diferenciados, *itinerância e sobrecarga de trabalho, multifuncionalidade, responsabilização e perda da autonomia*.

Vejamos mais de perto alguns dos aspectos que nos leva hoje para uma precarização do trabalho. Para isso, analisaremos a noção de trabalho e o tipo de trabalho que prevalece nas ditas *sociedades de controle*.

O *trabalho* é uma noção que envolve várias dimensões de nossa existência. Pode-se afirmar que nela não encontramos apenas a atividade de produção para fins mercantis, mas uma relação ético-política, cultural, social e econômica. Isto é, há um acoplamento entre *trabalho* e vida desde quando as relações sociais e políticas se estabeleceram nas nossas

formas atuais<sup>2</sup> de sociedade. A partir dessa ótica a noção de trabalho aparece como um *acontecimento* que foi se formando através de longos processos até o momento em que foi acoplada mais diretamente à dimensão econômica. Ou seja, o *trabalho* na sociedade contemporânea foi se estreitando apenas com uma de suas dimensões, o capitalismo o forçou a manter esse tipo de relação esquecendo-se de seus outros âmbitos existenciais.

As nupcias entre a noção de *trabalho* e as sociedades capitalísticas geraram uma deformação que a encurtou desfazendo o enlace maior entre vida e *trabalho*. Ora, o descolamento do *trabalho* da vida produz uma insuficiência existencial. A separação do trabalho de suas outras dimensões a torna capenga produzindo uma insatisfação e uma mortificação da vida quando realizada tal atividade. Para ser mais objetivo o *trabalho*, em geral, é um sofrimento necessário para *ganhar* a vida, quer dizer, um mal necessário para sobrevivência e para a satisfação imediata de nossas vontades. O trabalho no mundo capitalista é transformado e modularizado, então, a partir das próprias exigências do capital.

O consumo, dessa feita, é o escopo de todos os esforços gerado pelo trabalho. A questão é que esse diagnóstico seria apenas a ponta do iceberg. Sabe-se que nem todos *trabalham* e que a grande maioria dos trabalhadores não consegue satisfazer suas vontades consumistas devido a sua escassa remuneração. Portanto, **trabalho** = mortificação = é o jeito... = tortura = castigo = exploração = salário = dinheiro.

Michel Hardt e Antonio Negri, autores de *Império* e *Multidão*, também entendem o *trabalho* como uma noção que vai além do *trabalho assalariado*. De acordo com eles *trabalho* refere-se a toda e qualquer capacidade criativa humana em toda a sua generalidade (2007, p. 145). Além disso, lançam a tese de que não existe uma prioridade política na luta contra a hegemonia do capital. Ou seja, a classe operária considerada como a única capaz de agir contra o capital por estarem diretamente subordinada a ele, deixaria de exercer a liderança em relação a outras classes exploradas, pois hoje em dia, segundo suas análises,

*[...] não existe uma prioridade política entre as formas de trabalho: todas as formas de trabalho hoje em dia são socialmente produtivas, produzem em comum e também compartilham um potencial de resistir à dominação do capital ( 2007, p. 147).*

Desse modo, os dois autores, buscam repropor o projeto político da luta de classes lançado por Marx sob o prisma de uma novo conceito, a *multidão*. Este conceito, portanto, extinguiria de certa forma, a oposição entre os que defendia a existência de duas

<sup>2</sup>Entenda-se aqui o termo **atuais** não apenas se referindo ao presente, mas como uma fórmula que engloba passado e presente, isto é, como um processo de formação da sociedade ocidental.

classes, o proletariado e o patrão, e os que defendia a multiplicidade de classes sociais, pois a *multidão* seria um conceito aberto e expansivo que englobaria *todos aqueles que trabalham e produzem sob o domínio do capital* (2007, p. 148).

Não cabe neste momento discorrer pormenorizadamente sobre o conceito de *multidão* devido ao pequeno alcance deste artigo, porém vale ressaltar, para corroborar com a presente argumentação, a análise feita pelos autores sobre a hegemonia de um tipo de trabalho sob determinada época. Por exemplo, nos séculos XIX e XX, o trabalho industrial era hegemônico. Entenda-se hegemônico aqui de maneira qualitativa em relação à economia global, ou seja, *a forma hegemônica não é dominante em termos quantitativos, e sim na maneira como exerce um poder de transformação sobre as outras. A hegemonia aqui designa uma tendência* (2007, p. 148). Assim,

Não somente as práticas mecânicas como também os ritmos de vida do trabalho industrial e seu dia de trabalho foram gradualmente transformando todas as outras instituições sociais, como a família, as escola e as forças armadas (2007, p. 148).

A partir do final do século passado até o presente momento, Hardt e Negri, afirmam que o trabalho industrial perdeu sua hegemonia para o que eles vão chamar de “trabalho imaterial”. Este cria produtos imateriais, como o conhecimento, a comunicação, a informação, promovendo também um tipo de relação emocional. Os autores, para captar a generalidade de tal conceito concebe duas formas fundamentais de trabalho imaterial. Em suas palavras,

A primeira refere-se ao trabalho que é primordialmente intelectual ou linguístico, como a solução de problemas, as tarefas simbólicas e analíticas e as expressões linguísticas. Esse tipo de trabalho imaterial produz ideias, símbolos, códigos, textos, formas linguísticas, imagens e outros produtos do gênero. Chamamos a outra forma fundamental de trabalho imaterial de “trabalho afetivo”. Ao contrário das emoções, que são fenômenos mentais, os afetos referem-se igualmente ao corpo e à mente [...] O trabalhado afetivo, assim, é o trabalho que produz ou manipula os afetos como a sensação de bem-estar, tranquilidade, satisfação, excitação ou paixão. Podemos identificar o trabalho afetivo, por exemplo no trabalho de assessores jurídicos, comissários de bordo e atendentes de lanchonetes (serviços com sorriso) (2007, p. 149).

A partir do referencial teórico exposto, afirmamos que o trabalho docente, hoje, parece transitar por essas duas formas fundamentais de trabalho imaterial ainda com alguns resquícios do trabalho industrial. O trabalho docente, portanto, lida com a produção de conhecimento, a produção de afetos e por último com a produção em massa de futuros

trabalhadores habilitados e competentes para exercer cargos e funções no mercado de trabalho.

Se o trabalho imaterial é a tendência hegemônica do início desse novo milênio pode-se perceber que todos os tipos diferenciados de trabalho, e inclusive as próprias formas de vida em geral estão sendo investidas e influenciadas por esse novo tipo de trabalho hegemônico. Vale ressaltar que esse tipo de trabalho *cria não apenas bens materiais mas também relações e, em última análise, a própria vida social*. Isto é, nota-se cada vez mais um borramento das distinções clássicas entre o econômico, o político, o social e o cultural, ou seja, a vida esta sendo padronizada a partir de uma forma de produção capitalística que se estendo por todas as searas da existência. Declara Negri e Hardt, *hoje o trabalho e a sociedade têm de se informatizar, tornar-se inteligentes, comunicativos e afetivos* (2007, p. 151).

Uma das consequências dessa nova tendência de trabalho consiste na mudança gradual das próprias condições de se exercer tal atividade. Um dos pontos importantes a serem levantados é que a partir do momento que a produção afetiva passa a fazer parte do trabalho assalariado passamos a vender nossa capacidade de estabelecer relações humanas, isto é, algo de foro íntimo passa a ser tangido pelos interesses do cliente e do patrão. Além disso, há um borramento também entre o horário de trabalho e o tempo de lazer já que a qualquer momento e em qualquer lugar pode-se pensar, ou seja, produzir o produto imaterial. Portanto, as ferramentas de trabalho não encontram-se mais somente nas fábricas, indústrias, escolas e empresas, mas, também na nossa própria capacidade de pensar, produzir ideias, conhecimento e informação. Isso tudo, ainda, sem contar com as ferramentas online que propiciam trabalho e atividades a qualquer hora e lugar, basta estar conectado.

Hardt e Negri enfatizam as péssimas condições de trabalho geradas a partir do novo modo de produção capitalista, vejamos:

Certos economistas também empregam as expressões *fordismo* e *pós-fordismo* para indicar a mudança de uma economia caracterizada pelo emprego estável de longo prazo, típico dos operários de fábrica, para outra marcada por relações de trabalho flexíveis, móveis e precárias: *flexíveis* porque os trabalhadores devem adaptar-se a diferentes tarefas, *móveis* porque estão constantemente mudando de emprego e *precárias* porque nenhum contrato assegura o emprego estável a longo prazo (2007, p. 154).

Um dos testes de realidades proposta pelos autores para comprovar a tendência hegemônica do trabalho imaterial é a disseminação, nos países centrais, de ocupações que

mais crescem segundo as estatísticas, como atendentes em lanchonetes, vendedores, engenheiros de computação, professores e trabalhadores do setor de saúde<sup>3</sup>.

Corroborando com o entendimento dos dois filósofos supracitados, Deleuze, considera o capitalismo na contemporaneidade como um capitalismo de sobre-produção, o que entra em consonância com a análise do surgimento da hegemonia do trabalho imaterial. De acordo com Deleuze, o capitalismo contemporâneo difere do capitalismo do século XIX da seguinte maneira; este era de concentração, para a produção, e de propriedade, aquele é um capitalismo de sobre-produção. Ele afirma que o capitalismo contemporâneo:

*não compra mais matéria-prima e já não vende produtos acabados: compra produtos acabados, ou monta peças destacadas. O que ele quer vender são serviços, e o que quer comprar são ações. Já não é um capitalismo dirigido para a produção, mas para o produto, isto é, para a venda ou para o mercado. [...] O serviço de vendas tronou-se o centro ou a "alma" da empresa. [...] O marketing é agora o instrumento de controle social, e forma a raça impudente de nossos senhores (1992, p. 223-224).*

E mais, Deleuze, em sua análise sobre as *sociedades de controle* invoca a lógica inerente desta nova relação social. De acordo com ele:

Os diferentes internatos ou meio de confinamento pelos quais passa o indivíduo são variáveis independentes: supõe-se que a cada vez ele recomeça do zero, e a linguagem comum a todos esses meios existe, mas é *analógica*. Ao passo que os diferentes modos de controle, os controlatos, são variações inseparáveis, formando um sistema de geometria variável cuja linguagem é *numérica* (o que não quer dizer necessariamente binária). Os confinamentos são moldes, distintas moldagens, mas os controles são uma *modulação*, como uma moldagem auto-deformante que mudasse continuamente, a cada instante, ou como uma peneira cujas malhas mudassem de um ponto a outro. Isto se vê claramente na questão dos salários: a fábrica era um corpo que levava suas forças internas a um ponto de equilíbrio, o mais alto possível para a produção, o mais baixo possível para os salários; mas numa *sociedade de controle* a empresa substituiu a fábrica, e a empresa é uma alma, um gás. Sem dúvida a fábrica já conhecia o sistema de prêmios, mas a empresa se esforça mais profundamente em impor uma modulação para cada salário, num estado de perpétua metaestabilidade, que passa por desafios, concursos e colóquios extremamente cômicos. [...] a empresa introduz o tempo todo uma rivalidade inexplicável como a emulação, excelente motivação que contrapõe os indivíduos entre si e atravessa cada um, dividindo-o em si mesmo. O princípio modulador do "salário por mérito" tenta a própria Educação nacional: com efeito, assim como a empresa substituiu a fábrica, a *formação permanente* tende a substituir a *escola*, e o controle contínuo substituiu o exame. Este é o meio mais garantido de entregar a escola à

---

<sup>3</sup> Os filósofos indicam em nota as projeções do Departamento do Trabalho americano a respeito dos empregos com mais rápido índice de crescimento entre 2000 e 2010, ver [www.bls.gov/news.release/ecopro.toc.htm](http://www.bls.gov/news.release/ecopro.toc.htm).

empresa. (1992, p. 220-221).

O trecho supracitado mostra a lógica das sociedades contemporâneas baseada no controle, uma sociedade que, de acordo com Deleuze, nunca se termina nada. Entramos em uma era em que a *formação permanente* substituirá a escola.

Dentro da perspectiva de tais análises as noções de *sociedades de controle e trabalho imaterial* parecem diagnosticar de forma precisa mas não totalizadora a contemporaneidade. A saber, todo o meio social esta sendo erigido sob a fórmula do trabalho imaterial, inclusive gerando novas formas de dominação (sociedades de controle) e novas formas de resistência. O *acontecimento trabalho*, portanto, paradoxalmente é vida e mortificação. *Vida* quando lutamos por práticas de liberdade que foge dos esteriótipos introjetados em nossa subjetividade, quando trabalhamos nós mesmos interferindo no que vem de fora (os poderes) e *mortificação* quando sucumbimos aos mandos e desmandos das forças externas entregando-nos a dominação e ao controle sem nenhum esboço de resistência e/ou fuga. Finalizo com Deleuze:

Acreditar no mundo é o que mais nos falta; nós perdemos completamente o mundo, nos desapossaram dele. Acreditar no mundo significa principalmente suscitar acontecimentos, mesmo pequenos, que escapem ao controle, ou engendrar novos espaços-tempos, mesmo de superfície ou volume reduzidos [...] É ao nível de cada tentativa que se avaliam a capacidade de resistência ou, ao contrário, a submissão a um controle. *Necessita-se ao mesmo tempo de criação e povo* (1992, p. 218).

### Referências Bibliográficas

DELEUZE, G. Controle e devir. In: \_\_\_\_\_. *Conversações*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

\_\_\_\_\_. Post-scriptum sobre as sociedades de controle. In: \_\_\_\_\_. *Conversações*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

HARDT, M. e NEGRI, A. *Multidão: guerra e democracia na era do império*. Rio de Janeiro: Record, 2007.